

(PENSAR)

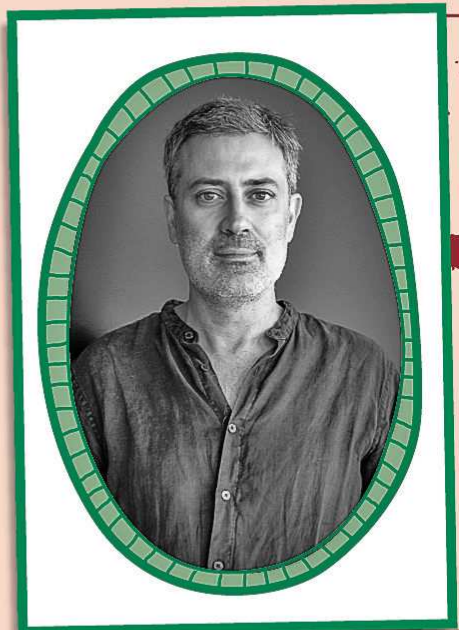
ESPECIAL

ESTADO DE MINAS • SÁBADO, 30, E DOMINGO, 31 DE MAIO DE 2026

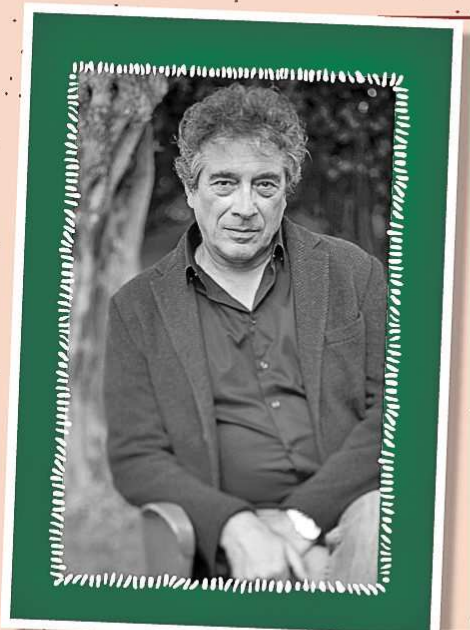
# Seleção da Itália

Literatura italiana ganha destaque nas livrarias brasileiras com lançamentos de romances cultuados do século 20 e de autores contemporâneos premiados

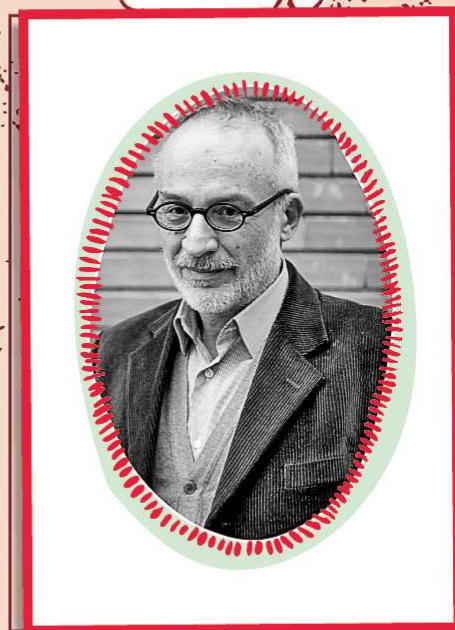
PÁGINAS 2 A 8



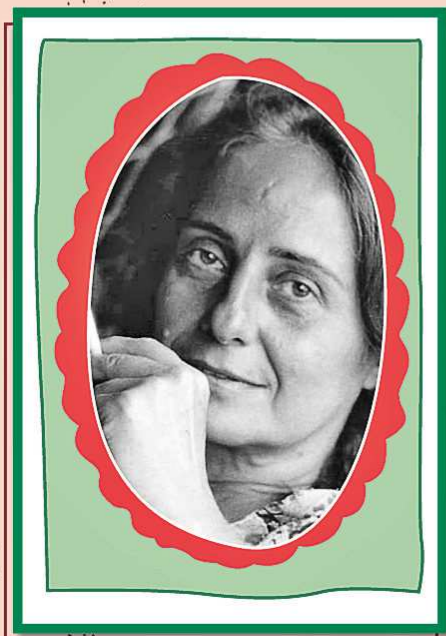
ANDREA BAJANI (1975-)



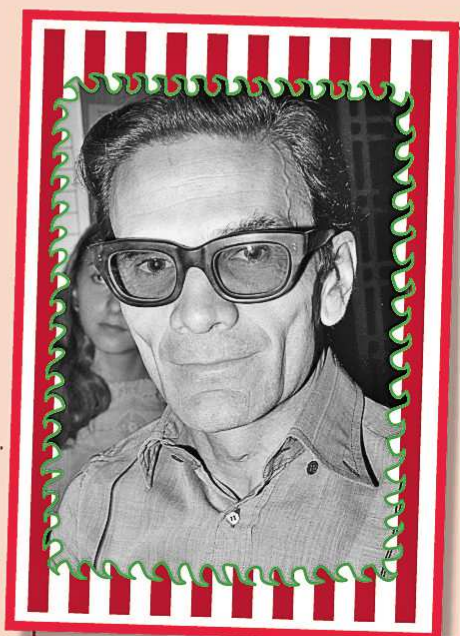
SANDRO VERONESI (1959-)



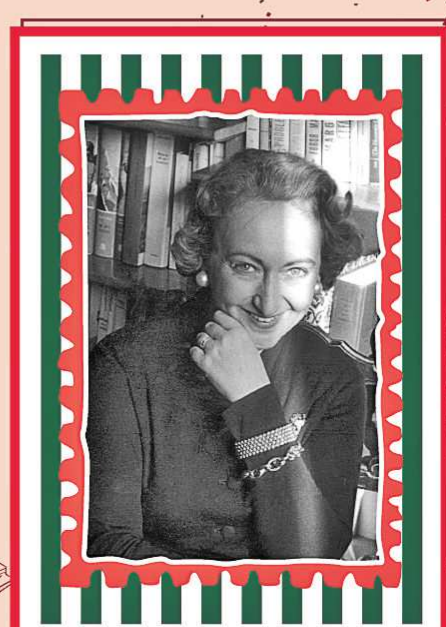
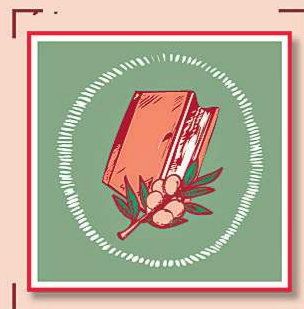
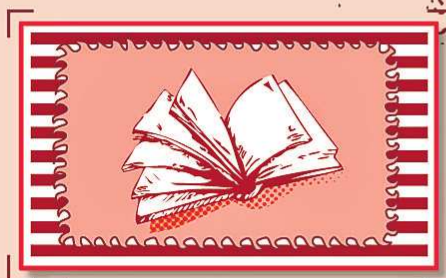
STEFANO MANCUSO (1965-)



GOLIARDA SAPIENZA (1924-1996)



PIER PAOLO PASOLINI (1922-1975)



ALBA DE CÉSPEDES (1911-1997)



# “Uma pequena joia”

Leia trecho do posfácio da tradutora Francesca Cricelli para “Antes e depois”, de Alba de Céspedes, lançado originalmente em 1955 pela autora do cultuado “Caderno proibido” e uma das principais escritoras italianas do século 20

**FRANCESCA CRICELLI**  
ESPECIAL PARA O EM

## “As versões de uma mesma mulher”

“Antes e depois” é uma obra de difícil catalogação. A meio caminho entre o conto longo e o romance breve, é uma pequena joia dentro da bibliografia de Alba de Céspedes. O aspecto formal que justamente dificulta defini-la se reflete na própria história editorial do texto: concebido para integrar uma coletânea de contos, foi interpretado pelo editor como um romance breve e acabou, em razão disso, sendo publicado em 1955 não na coletânea a que se destinava inicialmente, mas sim como história autônoma, merecendo um volume próprio. O título já revela que o romance gira em torno de um momento de tomada de consciência ou revelação. “Antes e depois” evoca um evento que muda tudo, do qual não se pode voltar atrás.

Neste caso, o antes é o de uma mulher livre (ou que se presume como tal), a protagonista Irene, narradora que nos faz adentrar neste evento que separa a consciência anterior e posterior ao fato. Irene é uma pessoa nascida no privilégio e durante sua vida tentou libertar-se das típicas amarras que costumavam constri-la as mulheres no pós-guerra europeu, amarras que até hoje limitam a vida de mulheres em diversas partes do mundo. De fato, para além da circunscrição geográfica e temporal, essa é uma história que ressoa no tempo atual e que nos apresenta à grande destreza da escrita de Alba de Céspedes.

Irene trabalha, renuncia ao casamento, tem um amante e não participa da vida mundana da forma como se espera dela. Mora sozinha, ganha a vida como escritora e cuida dos afazeres domésticos com a ajuda da empregada Erminia. E a causa desencadeadora do antes e depois é justamente a escolha de Erminia em pedir a demissão ou, no entendimento da protagonista, abandoná-la para voltar a trabalhar

para uma mulher da nobreza que a tratava muito mal. A protagonista-narradora já conquistara aquilo pelo qual outras personagens da autora lutam: tem profissão própria, independência financeira, vive só e mantém um amante sem compromisso matrimonial. Não precisa libertar-se, pois já é livre. Mas é justamente essa liberdade que se revela um fardo quase insuportável quando confrontada com a escolha de Erminia, que prefere a clareza da submissão à inquietude da autonomia. Assim, o romance interroga não apenas a condição feminina na Itália do pós-guerra, mas também a própria natureza da liberdade como responsabilidade existencial.

“Antes e depois” diferencia-se dos dois romances anteriores de Alba de Céspedes, pois de fato não se trata nem de um romance de memórias (como “Na voz dela”), tampouco de um diário (como “Caderno proibido”). O livro é um relato no qual a protagonista Irene evoca suas memórias sem obedecer a um sentido lógico, na tentativa de formar um percurso que a levou a se estabelecer numa vida de conforto e independência, algo que era almejado. A escrita desempenha um papel importante na vida de Irene; afinal, ela é uma jornalista, e é mediante a sua escrita (o relato que é narrado no próprio romance) que nós, leitoras, testemunhamos aquilo que talvez possa ocorrer no fim de uma análise, quando caem certas idealizações sobre si e sobre os outros e é necessário que se con-

tinue, que se siga adiante após a queda. Assim, chega-se a uma consciência que não extirpa nem o sofrimento nem a falta de sentido intrínsecos à vida.

Irene não é afetada pelo mutismo, não tem as dificuldades de Alessandra (“Na voz dela”) e de Valeria (“Caderno proibido”) em comunicar-se. Aliás, não tem dificuldade de se comunicar com seu companheiro, com o qual se expressa de modo honesto e aberto, sem mentiras e sem ocultar os próprios pensamentos, mas ainda assim não consegue impedir um bocado de mal-entendidos. Segundo a pesquisadora Antonia Virone, Irene parece representar um novo modelo de mulher, uma variante desenvolvida a partir de Mirella (filha da protagonista de “Caderno proibido”) e de Denise (a partisa de “Na voz dela”), ou seja, um modelo contraposto ao das outras protagonistas e de outras figuras femininas do próprio romance “Antes e depois”. Seria Irene, em certo sentido, a “evolução” de Alessandra e de Valeria? E, caso a resposta seja positiva, em que consistiriam essa evolução e essa superação? Se por um lado uma crescente autonomia e consciência de si parece amparar a protagonista-narradora, por outro não elimina a inescapável condição humana composta pelas diversas quedas ao longo da vida, pela própria finitude e pela característica escorregadia do desejo.

(...)

O título em italiano, “Prima e dopo”, demarca o antes e o depois de uma tomada de consciência irreversível, aquele momento em que a inocência é perdida e já não é mais possível retornar à felicidade do não saber. Talvez seja este o “furo” mais interessante pelo qual escapa então a consciência de Irene, que parece se dar conta de sua solidão e dos cuidados de Erminia somente a partir da ausência da empregada doméstica.



## “ANTES E DEPOIS”

- De Alba de Céspedes
- Tradução de Francesca Cricelli
- Bazar do Tempo
- 136 páginas
- R\$ 74



FRANCESCA CRICELLI é tradutora, poeta e pesquisadora, com doutorado em Literaturas Estrangeiras e Tradução pela Universidade de São Paulo



## “ENTRE A FELICIDADE E A RAZÃO”

“Gostaria que, ao ler o livro, os leitores percebessem que, na vida de cada pessoa, como na de Irene e Pedro, e na de Erminia, há um momento em que um acontecimento, um amor, um encontro, enfim, algo nos dá a oportunidade de nos questionarmos sobre certas coisas e de tentarmos compreendê-las, dando-nos, assim, a possibilidade de nos tornarmos adultos não apenas em termos de idade. E que alguns aproveitam essa oportunidade, enquanto outros acham mais conveniente não a perceber. Pois ela representa a escolha entre o mundo das paixões, dos instintos e das ideias. Entre a felicidade e a razão.”

Alba de Céspedes (1911-1997), sobre “Antes e depois”, em texto publicado na edição brasileira, com tradução de Francesca Cricelli

# Silêncio denso

No romance “O aniversário”, Andrea Bajani narra de forma austera e sem concessões as consequências de opressão familiar marcada pelo autoritarismo do pai e submissão da mãe

CARLOS MARCELO

Como transformar o silêncio em palavras? A resposta está em “O aniversário”, de Andrea Bajani. Vencedor do Prêmio Strega 2025, a mais importante premiação literária da Itália, o romance narra a história de uma opressão familiar de forma contida, muitas vezes distanciada, sem nenhuma concessão a sentimentalismo. “Todo tipo de reconstrução que posso fazer é matéria para romance”, avisa o narrador, ao se referir a um ambiente de tensão entre quatro paredes que perdurou por quarenta e um anos, “dia após dia” e o fez se afastar dos pais: “Por anos, escolhi a distância. A geografia sempre foi a margem de toda disfunção familiar.”

Nascido em Roma em 1975, Bajani já escreveu dez romances e também peças de teatro e poesia. Lançado no Brasil pela Companhia das Letras com tradução de Lara Machado Pinheiro, “O aniversário” reconstitui a vivência do narrador entre os anos 1980 e 1990, na capital italiana e em uma pequena cidade do Norte do país, marcada pelo autoritarismo do pai e pela resignação de uma mãe jamais nomeada e de comportamento “mais inclinado à aceitação do que à demanda, à submissão do que à firmeza, a justificar-se do a pedir algo a alguém”.

“Bajani explora como ninguém os lugares onde nos descobrimos, onde amamos, onde sofremos e onde, por fim, nos tornamos quem somos”, afirma o italiano Sandro Veronesi. O autor do best seller “O



## “O ANIVERSÁRIO”

- De Andrea Bajani
- Tradução de Lara Machado Pinheiro
- Companhia das Letras
- 144 páginas
- R\$ 69,90

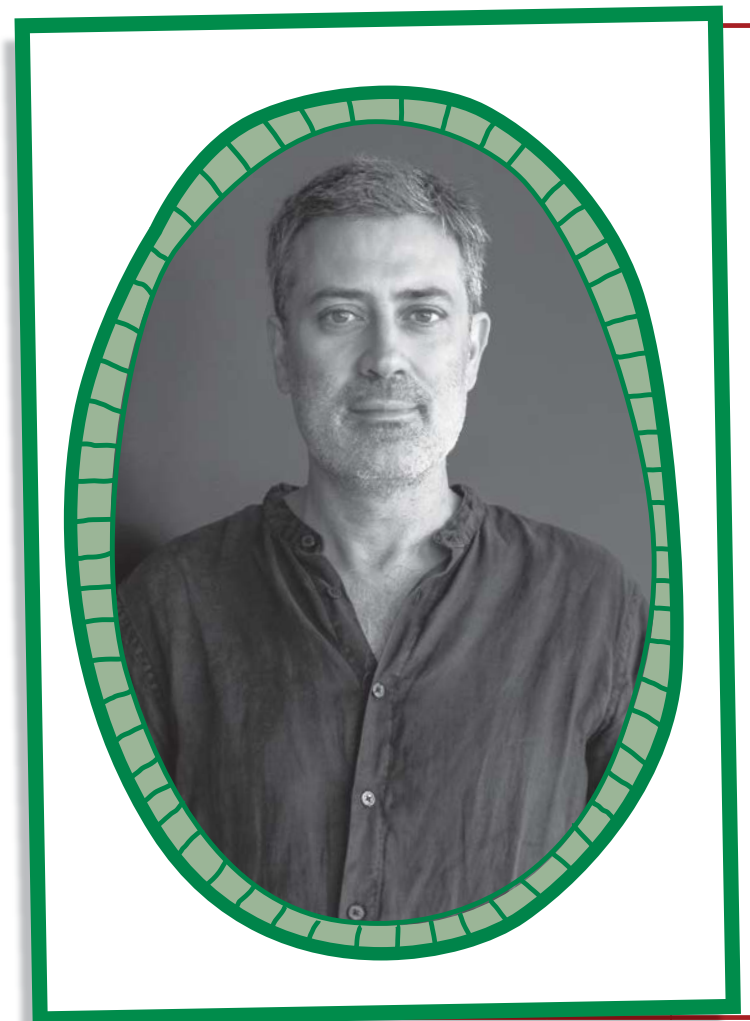
colibri” tem razão. “O aniversário” não deixa de ser o romance da formação de um jovem inconformado com o que acontece na sua casa, imersa em uma zona de sombras, envolta em um “silêncio denso” determinado por um pai que “tinha necessidade de assustar para se sentir amado” e fez da sensação de ameaça uma presença cotidiana.

As cenas de violência psicológica sofridas pela mãe e as reações do filho são descritas de forma austera e seca, como se o sul-africano J.M. Coetzee narrasse uma história da família do francês Édouard Louis. Na contenção, “O aniversário” ganha força e extrai de um drama recorrente a matéria-prima da literatura. “É com a escrita, golpeando, palavra por palavra, o monolito de uma memória familiar ocupada inteiramente por ele, consiga extrair a minha mãe da rocha. Acessar, por meio da invenção, aquilo que a lembrança não contém é precisamente a força brutal do romance.”

A decisão do filho de fugir do “inferno doméstico” e se afastar definitivamente dos pais (“reivindicação de uma absoluta solidão”) é amadurecida depois de uma agressão intolerável. “Entrepor quilômetros, demandar que o espaço – e portanto o tempo, porque o convívio fica evidentemente diluído – me defendesse. E, para o resto, entregar-me ao inevitável, ou seja, à vida que me foi dada pelo acaso”, narra. O distanciamento é sacramentado após a data festiva mencionada no título. No romance de Bajani, no entanto, o aniversário não é uma celebração, mas o estopim de uma tentativa de alcançar a libertação pela ruptura e formalizada por meio da escrita. “Não importa agora se realmente aconteceu ou não, é o começo do romance”, avisa, no segundo capítulo.

## REPRESENTANTE ITALIANO NA PRÓXIMA EDIÇÃO DA FLIP

Autor de “O aniversário”, Andrea Bajani teve a presença confirmada na programação oficial da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), de 22 a 26 de julho, na cidade histórica do Rio de Janeiro. O romancista italiano se junta a outros nomes como o guatemalteco Eduardo Halfon, a argentina Julieta Corrêa, o argelino Kamel Daoud e a alemã Carmen Stephan. Os brasileiros confirmados até agora são o poeta Leonardo Gandolfi e as escritoras Andrea del Fuego, Bethânia Pires Amaro e Paulliny Tort. Em sua 24ª edição, a Flip tem curadoria de Rita Palmeira e a poeta Orides Fontela como autora homenageada.



ANDREA BAJANI, VENCEDOR DO PRÊMIO STREGA 2025 COM “O ANIVERSÁRIO”, ESTARÁ NA PRÓXIMA EDIÇÃO DA FLIP

## TRECHO

“Esse livro é para sua mãe” sempre significou, nas palavras pronunciadas por ele, que um romance não valia nada. Nessa afirmação existia também uma espécie de afeto. Tratava-se de um afeto específico, perverso, sincero e violento, que garante, ou que sustenta, a afirmação de um domínio. Inserir o romance em questão na biblioteca da casa, que ele construía dia após dia como um diligente autodidata, era outra concessão que fazia a ela. Mas decretar que um livro era para minha mãe queria dizer principalmente que o lugar mais adequado era a lixeira.”

# Acaso, riso, luto e desejo

Best seller no Brasil com “O colibri”, o italiano Sandro Veronesi lança a nova edição de “Caos calmo”, retrato doloroso e ao mesmo tempo bem-humorado da masculinidade em crise e da fragilidade humana

STEFANIA CHIARELLI  
ESPECIAL PARA O EM

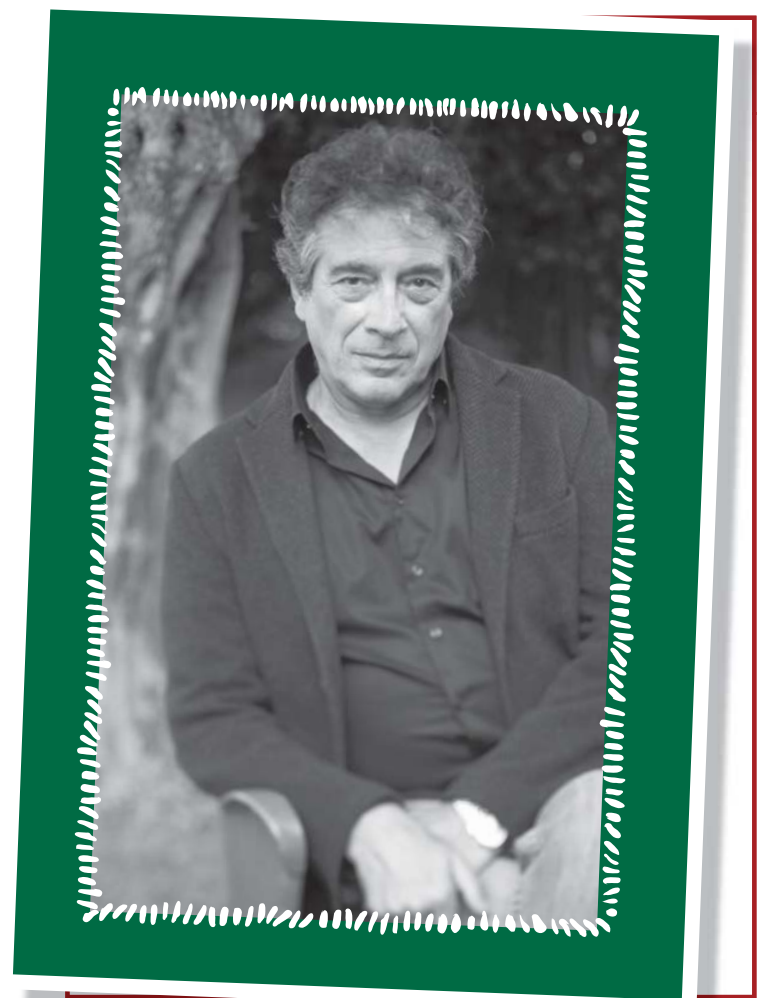
Pietro Paladini é um homem aparentemente realizado, com um ótimo emprego, uma mulher que o ama e uma filha de dez anos. Certo dia, salva a vida de uma desconhecida e o imprevisível acontece. Tudo muda e Pietro se refugia em seu carro, estacionado em frente à escola da filha, durante os três meses em que transcorre o romance “Caos calmo”. Lançado na Itália em 2006 e logo premiado com o Strega, o livro foi adaptado para o cinema em 2008 por Antonello Grimaldi, tendo Nanni Moretti como protagonista. No Brasil, já havia sido publicado pela Rocco em 2007, mas estava fora de catálogo. Retraduzida agora por Karina Jannini para a Autêntica, a narrativa chega aos leitores brasileiros devidamente familiarizados com o escritor italiano nos romances “O colibri” (publicado em 2024 e com mais de 50 mil exemplares vendidos no país) e “Setembro negro” (2025), publicados pela mesma editora. Veronesi está no Brasil para lançar a nova edição e participa neste sábado de conversa com os leitores na Feira do Livro, em São Paulo.

É com uma cena de total descontrolado que “Caos calmo” inicia. Em dez páginas, Veronesi prova seu timing perfeito ao narrar uma cena de desespero no mar Tirreno. Pietro e o irmão Carlo se vêem diante do afogamento de duas mulheres na praia que frequentam desde a infância. Habitados ao mar agitado dali, pulam na água e salvam as desconhecidas. Elas atrapalham o próprio resgate, em uma vertiginosa descrição em que os quatro realizam na água uma espécie de balé alucinado. Em vez de aplaudidos, os irmãos saem do mar ignorados pelas pessoas que assis-



## “CAOS CALMO”

- De Sandro Veronesi
- Tradução de Karina Jannini
- Autêntica
- 432 páginas
- R\$ 87,90
- R\$ 61,90 (digital)



DEPOIS DE VENDER MAIS DE 50 MIL EXEMPLARES DE “O COLIBRI” APENAS NO BRASIL, SANDRO VERONESI LANÇA NO PAÍS A NOVA EDIÇÃO DE “CAOS CALMO”

tem a tudo da terra firme. Do heroísmo à decepção de serem desconsiderados, o passo é curto, mas é pouco perto do que está por vir. Ao chegar em casa, Pietro vivencia a tragédia da morte da mulher, acontecida no exato momento em que salvava a desconhecida.

Essa abertura genial anuncia questões tratadas ao longo de quase quinhentas páginas. Acaso, luto e desejo dão continuidade a esse prólogo, que, de tão redondo, funciona como um conto. Pietro tem 43 anos e vive em Milão, onde trabalha como diretor de uma poderosa empresa de TV paga, e vem há meses lidando com a insegurança de uma fusão no ramo das telecomunicações. No mundo corporativo, são previstos cortes e perdas de pessoal na nova realidade.

Depois da morte da mulher, o personagem decide que o melhor a fazer é se postar diante da escola da filha, aguardando o final das aulas. Talvez sua permanência ali traga segurança à menina, supõe. O trato é que ela apareça na janela na hora do intervalo e acene. Detalhe: os dois não parecem sofrer. Ao re-

negar diversas coisas (não trabalhar, não sofrer, não agir), o executivo se mistura à vida da menina. Diante da escola, no calor atípico do outono milanês, a rotina é povoada de todo tipo de gente – a bela desconhecida que passeia com o cachorro na pracinha, a cunhada Marta, o irmão, o chefe, a secretária, trabalhadores e desconhecidos – todos de alguma forma se fazem presentes no escritório improvisado entre seu Audi de último tipo e o banco da praça. Em tais espaços ele inventa o cotidiano (o confessionário?) particular, habitando uma zona liminar entre o público e o privado, em que um rico carrossel humano desfila lamentações, negociações e indiscrições amorosas.



À SEMELHANÇA DE DOMENICO STARNONE, GRANDE AUTOR ITALIANO CONTEMPORÂNEO CONHECIDO POR EXPLORAR FIGURAÇÕES DE UMA MASCULINIDADE EM CRISE, SANDRO VERONESI É CRAQUE QUANDO METE A COLHER EM HISTÓRIAS DE FAMÍLIA, ESSE CALDEIRÃO AFETIVO EM QUE ALGUNS SE SALVAM, OUTROS SE DEIXAM RESGATAR E OUTROS SUBMERGEM SEM CHANCE DE ALCANÇAR A BOIA OU O FIO MAIS PRÓXIMO.



domenico procacci presenta

nanni moretti

valeria golino isabella ferrari alessandro gassman kasia smutniak e con silvio orlando

CAOS CALMO

un film di antonello grimaldi



TRECHO

“Pronto, foi embora. E se o que há de podre dentro de mim – porque há, sempre houve, e eu sempre soube disso – também estivesse destinado a ir embora, então foi junto com ele, agora, há um instante. Não aproveitei minha oportunidade, não cavalei com os homens poderosos, mas hoje construí para mim uma recordação fenomenal. Algo tão grande que não poderei falar a respeito com ninguém. Vou me lembrar para sempre desse momento – os amontoados de neve na calçada, o cheiro de molhado no ar, as nuvens de respiração. Depois, um dia, se eu chegar a ser um homem bom, vou esquecê-lo.”

“CAOS CALMO” FOI ADAPTADO PARA OS CINEMAS EM 2008 COM DIREÇÃO DE ANTONELLO GRIMALDI E ESTRELADO POR NANNI MORETTI

Apesar de por vezes alongar os diálogos do texto, gerando um acúmulo desnecessário, o escritor é hábil ao descrever o mal-estar psíquico, sobretudo quando quem sofre ignora tal condição: “Não corro o risco de enlouquecer... tampouco estou sofrendo”, afirma Pietro. Como leitores, entramos nesse emaranhado da cabeça do personagem - que acredita ouvir mensagens da falecida nos versos das canções da banda Radiohead e narra em primeira pessoa toda essa experiência. Alienado de seus desejos, ele fica surpreso com o fato de querer Eleonora Simoncini, a mulher resgatada no mar. Ao reencontrá-la, protagoniza uma cena erótica reveladora do quanto desejo e morte andam de mãos dadas – “porque continuo excitado em vez de sofrer?”, indaga.

Caminhada rumo ao amadurecimento, o romance constrói um retrato doloroso e ao mesmo tempo bem-humorado da fragilidade humana. Pinóquio contemporâneo abrigado em um “ventre de baleia”, o protagonista falseia a dor, escondido nas entranhas da própria cegueira. Durante três meses, Pietro vive a paralisia, enquanto tudo ao redor se movimenta: uniões,

confusões, confissões. À semelhança do boneco de madeira cujo desafio é se tornar humano de verdade, termina por aprender com a filha Claudia – a quem chama de “estrelinha”, possível alusão ao clássico infantil do também florentino Carlo Collodi – uma grande lição. Mesmo vivendo o luto, vem dela um apelo ao restabelecimento de alguma ordem em suas vidas.

Há uma cena determinante a esse respeito. Em cima da trave de ginástica olímpica, Cláudia está diante do pai sentado na arquibancada de um ginásio. Ela, concentrada para realizar um salto mortal; ele, na torcida para que a filha o encare antes de fazer o complexo movimento. Antes de executar o exercício com perfeição, a garota olha, e depois gira no ar. “Não olhe para seu pai antes de saltar. Olhe para ele depois”, aconselha a professora.

O salto em direção ao desconhecido sem a mirada paterna equivale, futuramente, a se sentir pronta para ser apoiada pelo pai, mas não o seu refúgio. De dentro de seu mundo, a criança absorveu a lição antes do próprio genitor. Depois de muito se enredar por entre os elos e fios invisíveis que nos atam uns aos outros, Pietro por fim deve se deslocar em direção à vida que o espera lá fora.

◆ STEFANIA CHIARELLI é pesquisadora e professora titular de literatura brasileira na Universidade Federal Fluminense (UFF). “Epigramas críticos” é uma de suas publicações mais recentes.

DEPOIMENTO SANDRO VERONESI

“É o romance mais sortudo que escrevi”

Leia depoimento do escritor italiano ao Pensar sobre a nova edição de “Caos calmo”

“Caos Calmo” foi o romance mais sortudo que eu já escrevi. Sortudo por causa do título. Sortudo por causa daquele momento — estamos falando de 2005. Sortuda foi a ideia de parar um homem no centro de uma cidade e criar um grande mal-entendido sobre a sabedoria dele. Foi sortudo porque nada do que escrevi foi subestimado. Tudo, naquele momento, foi considerado importante e atual.

Vê-lo sendo publicado de novo, depois de quase um quarto de século, é um desafio. E estou realmente curioso para descobrir se o romance envelheceu ou não, depois de tantas coisas que aconteceram entre aquela época e os dias de hoje. Acho que é uma grande ocasião. É raro ter essa oportunidade.

Também é importante porque, sabe, você pode ter sorte uma vez. É difícil ter sorte duas vezes com tanta distância de tempo. Eu sempre penso que, quando tenho grandes resultados com um livro, eles são merecidos. Mas também sempre penso que pode ter sido apenas sorte. E essa segunda oportunidade, depois de mais de 20 anos, pode esclarecer se foi sorte ou não.”

Na prosa de Veronesi, fundir-se e misturar-se com alguém é tema explorado com talento. Anos depois, o autor voltaria à questão em “O colibri”, vencendo seu segundo Prêmio Strega. Na saga familiar que ganhou o coração de muitos leitores, Marco Carrera experimenta a angústia da (con) fusão em relação à filha, que desde os três anos de idade afirma ter um fio ligando suas costas à parede mais próxima. De acordo com um psicanalista, a menina fabrica a fantasia em face da ausência do pai na dinâmica familiar. Como o beija-flor que intitula a história, Marco faz enorme esforço para ficar firme – setenta batidas de asas por segundo para permanecer onde está. A fixidez une os protagonistas: em “Caos calmo”, Pietro Paladini se ancora no banco da praça e no assento do carro; em “O colibri”, Marco põe sua energia para permanecer parado, enquan-

to a filha tece um elo imaginário para se sentir ligada a ele.

No entanto, o caráter de paladino do sobrenome do primeiro não garante muita coisa, já que ele próprio admite ser uma pessoa superficial, dotada de baixezas morais; “É impressionante a quantidade de coisas das quais posso ser acusado”, admite. Oxímoro ambulante, caótico e calmo, ele reúne em si as características de pai dedicado, funcionário ganancioso e marido mulherengo.

À semelhança de Domenico Starnone, grande autor italiano contemporâneo conhecido por explorar figurações de uma masculinidade em crise, Veronesi é craque quando mete a colher em histórias de família, esse caldeirão afetivo em que alguns se salvam, outros se deixam resgatar, e outros submergem sem chance de alcançar a boia ou o fio mais próximo.

© 2015 VALERIA GOLINO, ISABELLA FERRARI, ALESSANDRO GASSMAN, NANNI MORETTI, KASIA SMUTNIAK, SILVIO ORLANDO, ANTONELLO GRIMALDI, DOMENICO PROCACCI. "CAOS CALMO" di Sandro Veronesi, presentato da BOMPIANI. Distribuito da OT. www.01distribution.it

# Pasolini visita o inferno de Dante

RODRIGO LOBO DAMASCENO  
ESPECIAL PARA O EM

Pilati publicada em 2021 pela C14). Essa variedade editorial, à qual agora se soma a Jabuticaba, faz jus à variedade formal de Pasolini: poemas, romances que se assemelham a roteiros, obras de dramaturgia, artigos polêmicos de jornal (caso do indispensável “Escritos corsários”, traduzidos por Maria Betânia Amoroso e publicado pela Editora 34) e, no caso de “A divina mimesis”, uma obra de difícil catalogação, fragmentária, que propõe um diálogo com Dante mas diseca a vida de uma Itália modernizada, e que se compõe também de uma série de fotografias.

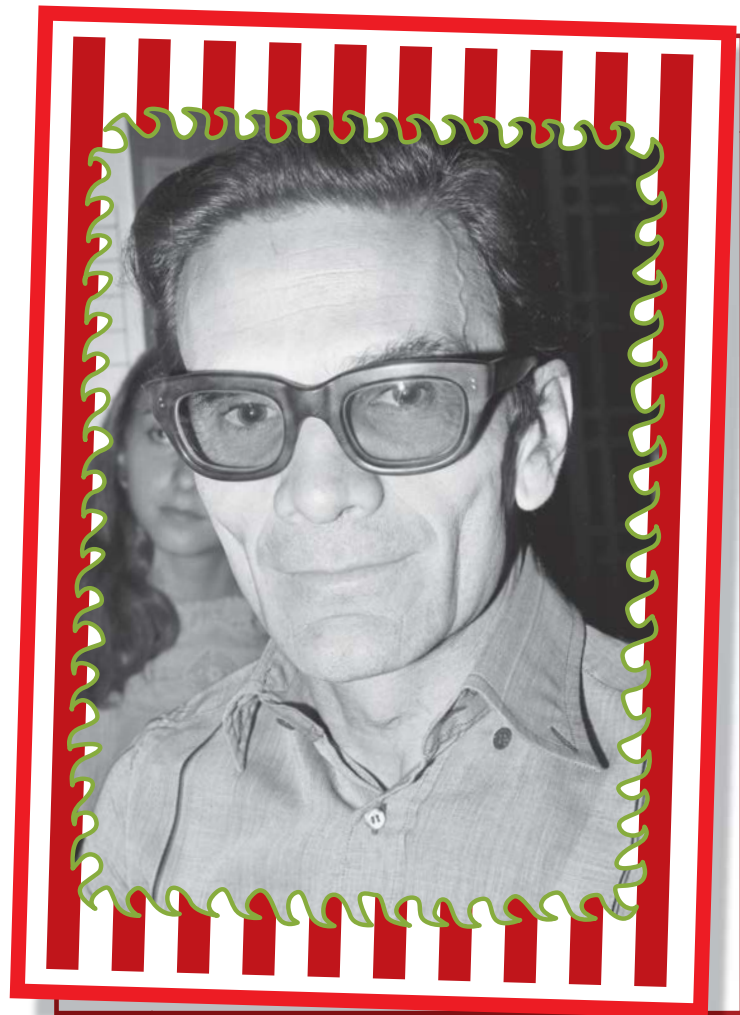
A retomada de Dante é bastante evidente no livro: Pasolini se deparou com o inferno e entrou, foi ver o que acontecia e quem estava lá – ou, melhor dizendo: Pasolini deu-se conta de que não precisava entrar, pois já estava no inferno, outro nome para a vida contemporânea, ainda marcada pelos horrores da Segunda Guerra e do nazifascismo: “O inferno que pus na cabeça descrever já foi descrito simplesmente por Hitler. Foi através de sua política que a Irrealidade se mostrou de verdade em toda a sua luz. Foi dela que os burgueses extraíram o verdadeiro escândalo ou, me envergonha dizer, viveram a verdadeira contradição de suas vidas”. No entanto, se Dante era guiado por Virgílio, Pasolini, que não passa pelo inferno, mas o habita, tem como companheiro um duplo seu, um Pasolini mais jovem, cuja relação com a literatura e a poesia era distinta daquela que o entendimento das condições infernais da vida contemporânea passava a exigir.

Escrito sob o ponto de vista de um poeta que agora ultrapassa os 40 anos e deixa para trás a sua juventude, “A divina mimesis” procura investigar sobretudo o modo como os poetas – aqueles que tratam da linguagem num nível mais profundo, cujas obras, em tese, digladiam com a ideologia com maior radicalidade – lidam com esse inferno (“Hitler é fruto de seus filhos poetas, que tiveram um sonho muito mais verdadeiro, maior e mais terrível do que jamais foram capazes de ter”) e com a nova forma de linguagem que os traumas históricos e a novidade do consumo e do fascismo contemporâneos criaram: “a língua do ódio.”

Apesar da relação evidente com Dante, talvez valha a pena pensar “A divina mimesis” também junto a um outro passeio infernal, aquele dado por Rimbaud em “Uma escatologia no inferno”, que também encontrou

No seu posfácio para “A divina mimesis”, Cláudia Tavares Alves afirma que pensou e realizou a tradução do texto de Pier Paolo Pasolini (1922-1975) como um gesto político, “acreditando que na linguagem continuamos a existir, sobretudo na tentativa de nos reconhecermos e de conhecermos de novo o mundo ao nosso redor”. A afirmação passa longe do subterfúgio, típico da nossa época, de imputar natureza e repercussão política a qualquer atividade (ou mesmo à ausência dela): de fato, a escolha, tradução e publicação de “A divina mimesis” feitas por Cláudia dão ao leitor brasileiro uma oportunidade valiosa para refletir a respeito das relações entre literatura e política em nosso tempo – que, diga-se, é ainda o tempo de Pasolini, que redigiu a obra nos anos 1960, momento a partir do qual o poeta e cineasta italiano passa a identificar uma alteração significativa na vida civil italiana, inclusive na sua língua, com a ascensão e a consolidação de uma sociedade baseada no consumo: “A verdade sobre a qual não conseguimos falar (...) é esta: cada um de nós é fisicamente a figura de um comprador e as nossas inquietações são as inquietações dessa figura. (...) Tudo o que serve para nos expressarmos é comprado”.

“A divina mimesis” aparece num momento em que o nome de Pasolini volta a ganhar força na cena literária e editorial brasileiras, com novas traduções de clássicos já publicados anteriormente no país (caso de “Teorema”, agora em versão de Mauricio Santana Dias, pela Cosac) e com obras antes inéditas em português brasileiro (como “Porno Teo Kolossal”, traduzido por Andityas Matos e publicado pela editora sobinfluencia, e “As cinzas de Gramsci”, tradução de Alexandre



O CINEASTA ITALIANO PIER PAOLO PASOLINI (1922-1975) ESCREVEU “A DIVINA MIMESIS” NOS ANOS 1960

## Cineasta e poeta italiano evoca o autor de “A divina comédia” em livro dos anos 1960 que diseca a vida de uma Itália modernizada em obra complexa e fragmentada, agora lançada no Brasil



### “A DIVINA MIMESIS”

- De Pier Paolo Pasolini
- Tradução e posfácio de Cláudia Tavares Alves
- Edições Jabuticaba
- 108 páginas
- R\$60

na prosa o meio ideal para o registro de suas impressões (“Nada de cânticos”, escreve o francês), assim como Pasolini para os seus cantos. A prosa poética do francês, intrínca por si só, Pasolini acrescenta ainda uma camada de texto que tende menos para a poesia e mais para a reflexão teórica (ainda que não seja teoria propriamente), elaborando uma prosa complexa e às vezes hermética, repleta de ideias nítidas e críticas ao seu objeto, mas também marcada por contradições e obscuridades típicas daquele que usa a língua do ódio, tomada pela ideologia, para exprimir algo além do ódio, para escapar dos domínios da ideologia.

O texto de “A divina mimesis”, portanto, parece exigir uma releitura, recomendável e também facilmente realizável por conta da dimensão fragmentária do livro. Trata-se de um livro que, em sua forma breve, propõe a experiência de uma temporalidade distendida, de uma atenção redobrada, e que chega ao leitor brasileiro para deixar ainda mais complexa a figura e a obra de Pasolini, cujo tempo ainda não acabou e cujo inferno parece ser o mesmo que ainda habitamos.



RODRIGO LOBO DAMASCENO é poeta e crítico, autor dos livros “Casa do Norte” e “Limalha”, este último finalista do prêmio Oceanos e semifinalista do Jabuti em 2024.

# A história de um vulcão

Tradutores do cultuado romance “A arte da alegria”, que entrelaça fatos históricos com a trajetória de uma mulher libertária no século 20, narram a aventura de trazer para a língua portuguesa o livro que levou nove anos para ser concluído pela autora, Goliarda Sapienza, e mais duas décadas até a primeira publicação

VALENTINA CANTORI E IGOR DE ALBUQUERQUE  
ESPECIAL PARA O EM

Escrever “A arte da alegria” foi a principal atividade de Goliarda Sapienza por quase dez anos. Além do tempo da escrita – de 1967 a 1976 –, mais vinte anos se passaram em tentativas para publicá-lo. O livro não atendia às expectativas editoriais: extenso demais, muito experimental, muito tradicional, fortemente erótico, excessivamente ambíguo, dentre outras evasivas injustificáveis – só depois de 2005, quando foi descoberta por uma editora francesa, a autora viraria um sucesso mundial.

O romance acompanha a turbulenta trajetória de Modesta, narradora que se constrói, ou melhor, que constantemente se reconstrói à medida que é arrastada pela viagem dos acontecimentos. Experiências pessoais e fatos históricos se entrelaçam: percorrendo a vida da protagonista – Modesta nasce no dia primeiro de janeiro de 1900 –, nos deparamos com o desenrolar dos eventos que transformaram drasticamente o mundo e sua percepção durante as décadas seguin-

tes: revoluções tecnológicas, duas guerras mundiais, o fascismo, os assassinatos políticos, as lutas das mulheres e suas conquistas sociais e políticas.

O livro se inicia com uma Modesta ainda menina, arrastando um pedaço de madeira em um espaço lamacento, antes de encontrar Tuzzu, com quem tem sua primeira experiência sexual, e termina com a personagem aos sessenta anos, surpresa diante de sua última descoberta. Ao longo dos 95 capítulos, ela é abusada na infância, vira noviça, é adotada pela aristocracia local, engaja-se na luta política contra o fascismo e vai formando uma família que destoa dos moldes da época; um arranjo que até hoje, nestes dias de conservadorismo, é dissidente.

Imersa em um amálgama de experiências contraditórias, Modesta oscila sempre entre os extremos – miséria e bonança, convento e palacete, cárcere e liberdade –, e, se há uma constante nessa saga, ela está em sua capacida-

de de se metamorfosear, abarcando a vida de múltiplas formas sempre a partir do desejo, igualmente múltiplo. Muitos são os personagens com quem se relaciona, sejam eles do sexo feminino ou masculino, jovens ou maduros, mais ou menos poderosos do que ela. Diferentes em cada caso, são vínculos que se furtam a moldes pré-definidos. Outra faceta, portanto, do que é ser livre.

No estilo, inclusive, pois a voz de Modesta é inconfundível, até na estranheza. O romance mostra uma sintaxe inusual: por vezes densa e labiríntica, cheia de saltos e soldas improváveis, incluindo repetições, elipses e oscilações repentinas – por exemplo, da primeira pessoa se passa bruscamente à terceira para o mesmo referente.

Não surpreende que um livro tão complexo traga sua cota de problemas para os tradutores. Além da sintaxe, que tantas vezes subverte o uso convencional da língua, a riqueza vocabular implicada no uso do siciliano foi uma questão central do nosso trabalho.

O dialeto transmite ancestralidade, palavras da geografia local, ecos da tradição popular, memórias pessoais e falas familiares. Na maioria das ocorrências, escolhemos termos brasileiros que sugerissem sensações correspondentes e que caracterizassem a voz de certas personagens. Por exemplo, no caso da palavra “guria”, que traduz o siciliano “picciridda”, para restituir um termo marcadamente sici-



## “A ARTE DA ALEGRIA”

- De Goliarda Sapienza
- Tradução de Valentina Cantori e Igor de Albuquerque
- Autêntica Editora
- 648 páginas
- R\$ 119,80 – E-book: R\$ 83,90



GOLIARDA SAPIENZA (1924-1996): AUTORA SICILIANA DEMOROU QUASE UMA DÉCADA PARA COLOCAR UM PONTO FINAL NA SAGA DE MODESTA, A PROTAGONISTA DE “A ARTE DA ALEGRIA”

liano, optamos por uma palavra brasileiríssima (do tupi), que é usada em várias regiões do país, com algumas nuances; “pequena”, “mocinha” ou “pequerrucha” não teriam o mesmo frescor. Ou quando traduzimos “velluta”, que designa prostituta, por “quenga”, palavra que tem origem no quimbundo e faz parte do vocabulário popular nacional.

Modular as vozes das personagens foi outra questão fundamental, pois é bom lembrar que, antes de se tornar escritora, Sapienza foi uma mulher de teatro e de cinema. Há longas cenas compostas apenas por diálogos e, para que esses trechos funcionem em português, é preciso reproduzir a naturalidade e a fluidez das falas, o que envolve cálculos delicados.

E há ainda a poesia. O estilo de Sapienza (que iniciou seu percurso literário como poeta) é movido por um lirismo vulcânico, concebido entre altas temperaturas, explosões em cadeia, excessos, rochas ígneas – não esqueçamos que o Etna está no horizonte assim como a história, que é experimentada através de uma perspectiva poética eruptiva. A força da escrita vem daí: do magma que escorre e vai arrastando o que encontra pela frente – a vida, a natureza, a beleza –, do perigo e da atração, do risco que corremos enquanto lemos esse extraordinário romance; à sombra do vulcão, veremos o mundo de outra forma.

## “ERRO IMPERDOÁVEL COMETIDO COM UMA OBRA-PRIMA”

“Considero ‘A arte da alegria’ uma obra-prima, e foi o erro mais imperdoável cometido pelo mercado editorial italiano. Se tivesse sido publicado em 1976, quando Goliarda terminou sua escrita, em vez de vinte anos depois, minha geração teria tido uma juventude melhor.”

Sandro Veronesi,  
autor de “O colibri”

VALENTINA CANTORI E IGOR DE ALBUQUERQUE são os tradutores da edição brasileira de “A arte da alegria”

## PRIMEIRA LEITURA

## “Fitópolis”

STEFANO MANCUSO

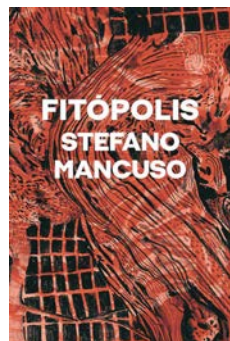
## Prólogo

(...)

A vida urbana proporciona a nossa espécie maior funcionalidade em muitas esferas: do consumo de energia aos transportes, das escolas à assistência à saúde, das oportunidades de trabalho ao acesso à cultura, tudo num ambiente urbano funciona de forma mais eficiente. Ao mesmo tempo, nosso afastamento de nosso lar natural é a principal causa de muitos dos problemas da modernidade. Para resolver esse conflito aparentemente inconciliável entre cidade e natureza, as cidades do futuro, sejam aquelas construídas a partir do zero, sejam aquelas renovadas, precisariam reintroduzir a natureza no novo habitat, transformando as urbes em fitópolis, cidades vivas nas quais a relação entre plantas e animais se reaproxime da relação que encontramos na natureza: 86,7% de plantas contra 0,3% de animais (incluindo humanos). Seria necessário, portanto, destinar grande parte da superfície de uma cidade às plantas – exatamente o oposto do que acontece hoje.

Não consigo pensar em nada mais importante para o futuro da humanidade do que reajustar as relações com os demais seres vivos – em primeiro lugar, com as plantas. A relação entre humanos e plantas é uma questão complicada: diz respeito a algo cuja verdadeira essência escapa à maioria de nós, embora seja simples a ponto de poder ser descrita com apenas uma palavra: dependência. A vida animal depende da vida vegetal. Sem as plantas, qualquer vida animal seria impossível. Segundo a admirável definição de Kliment Timiriazev – botânico russo do início do século 20 –, elas são o elo entre o Sol e a

“Não consigo pensar em nada mais importante para o futuro da humanidade do que reajustar as relações com os demais seres vivos – em primeiro lugar, com as plantas”



## “FITÓPOLIS”

- De Stefano Mancuso
- Tradução de Regina Silva
- Ilustração de Mariana Zanetti
- Ubu Editora
- 208 páginas
- R\$ 79,90

Terra. Graças à fotossíntese, as plantas obtêm o resultado aparentemente milagroso de transformar a energia luminosa do Sol em energia química (açúcares) que permite aos animais viver e se multiplicar. A fotossíntese é o verdadeiro motor da vida: água, luz e dióxido de carbono para produzir açúcares e oxigênio. Não há nada mais importante; dependemos das plantas para tudo. É sabido que elas representam a base da cadeia alimentar e que o oxigênio que respiramos provém delas. Porém, muitas vezes nos escapa que a chamada energia fóssil (como o petróleo e o carvão) envolve fósseis vegetais, e que a maioria dos princípios ativos medicinais, das fibras têxteis e dos materiais de construção (a madeira) são de origem vegetal.

Não bastasse, lembremos que as plantas são nossa casa. Literalmente.

Nossos ancestrais eram seres arborícolas – ou seja, viviam em árvores –, como ainda o são muitos de nossos parentes primatas mais próximos. Essa longa familiaridade com as copas das árvores, seus ramos e folhas, teve efeitos mais profundos do que poderíamos imaginar. Num certo sentido, nosso corpo, desde sua estrutura geral até as características que consideramos mais tipicamente humanas, é um reflexo fiel dessa gênese arbórea. A visão binocular, com olhos voltados para a frente; a diferenciação entre membros anteriores, constituídos de braços e mãos adaptados para segurar, e posteriores, constituídos de pernas e pés aptos a se

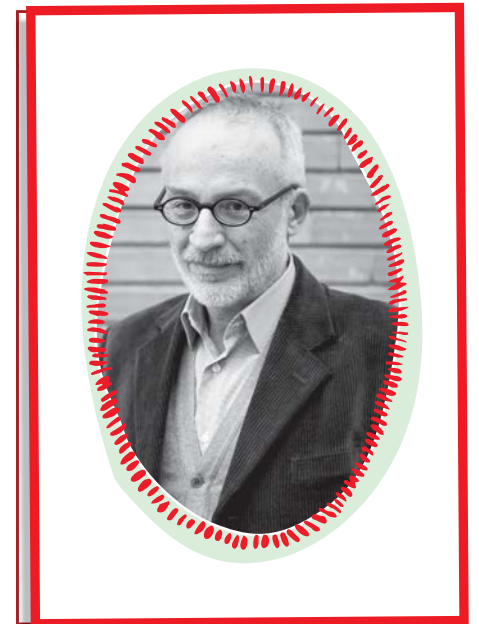
locomover; a postura ereta; dedos dotados de unhas em vez de garras; marcas nas pontas dos dedos que conhecemos como impressões digitais etc., são todas modificações evolutivas para permitir aos primatas viver nas árvores, e que tiveram consequências fundamentais para nossa história.

Quem já respondeu ao impulso atávico de subir numa árvore sabe que a copa é um ambiente onde é muito difícil se movimentar: um emaranhado de galhos complicados de ultrapassar, com galhos e ramos cada vez mais finos nas extremidades, onde fica a parte produtiva da árvore. Nessas condições, a visão binocular ajuda a calcular melhor as distâncias e a se movimentar com mais segurança; um corpo ereto e os braços preênsos permitem subir no tronco e entre os galhos; e, por fim, ter mão com dedos dotados de almofadinhas macias cobertas por impressões, protegidos por unhas, permite alcançar até os ramos mais finos onde se podem colher frutos e folhas. Graças a essas mesmas mãos, aptas para viver nas árvores, os humanos desenvolveram a capacidade de construir ferramentas.

Grande parte do que nos torna humanos provém das árvores. Não só porque ao longo de milhões de anos nossos antepassados viveram entre suas copas, moldando seus corpos em resposta a esse ambiente verde, mas também porque graças à madeira conseguiram construir seus primeiros abrigos e ferramentas. O homem coevoluiu com as plantas e sempre viveu em ambientes onde elas representam praticamente todo o ecossistema. Em termos evolutivos, o rompimento desse vínculo é bastante recente. Até poucas décadas atrás não passávamos o tempo em frente a uma tela de computador e só há três ou quatro gerações temos salas iluminadas por luz elétrica. Antes disso, fomos agricultores ao longo de cerca de quinhentas gerações, e, ao longo de umas 20 mil gerações, caçadores-coletores intimamente conectados ao mundo da natureza e, portanto, às plantas que o constituem quase por completo. Pois bem, 20 mil gerações humanas não passam em vão.

Essas 20 mil gerações vividas entre as plantas têm muito mais influência em nossa humanidade do que as quinhentas que transcorreram desde o início da agricultura e da civilização. Vamos pensar no verde: é dessa cor que nossa espécie é capaz de discernir o maior número de tonalidades. É bastante significativo que nossos olhos possam distinguir o verde das plantas com maior detalhe do que qualquer outra cor, como se as próprias raízes de nossa história nos mostrassem para onde dirigir o olhar, uma vez que nossa capacidade de sobreviver depende das plantas, tanto hoje como há 300 mil anos. Na realidade, embora a nossa seja uma história de relação com as plantas, de tanto nos considerarmos uma espécie não só à margem da natureza como acima dela, nós as apagamos do horizonte, tornando-nos cegos diante desse mundo do qual dependemos.

Em poucas palavras, nossa relação com as plantas não se limita à simples dependência alimentar ou energética, seja lá como se queira defini-la. Ela é muito mais profunda e implica uma intensa ação das plantas sobre todos os aspectos da nossa vida. Quando se



## SOBRE O AUTOR

Nascido em Catanzaro em 1965, o italiano Stefano Mancuso (foto) é formado pela Università degli Studi di Firenze (Unifi). Em 2005, fundou o LINV – International Laboratory of Plant Neurobiology, pioneiro no estudo da neurobiologia vegetal. Em 2018, recebeu o Prêmio Galileo de escrita literária de divulgação científica pelo livro “Revolução das plantas” (2019). Desde 2001, leciona no Departamento de Ciência e Tecnologia Agrária, Alimentar, Ambiental e Florestal da Unifi, sendo uma referência no estudo da relação entre plantas e tecnologia com livros com “A incrível viagem das plantas”, “A planta do mundo” e “Nação das plantas”, todos publicados no Brasil pela editora Ubu. O neurobiologista vegetal visita o Brasil para lançar “Fitópolis”, no qual se inspira na organização das plantas para propor uma transformação radical na forma como concebemos as áreas urbanas e apresenta o conceito de “cidades vivas” como estratégia concreta para enfrentar a crise climática e aproximar novamente os humanos das espécies vegetais. Depois de compromissos no início da próxima semana no Sesc e na Feira do Livro, em São Paulo, o escritor italiano estará em Inhotim no sábado (6/6), às 10h30, para participar do Seminário Internacional Transmutar, dentro da programação da 22ª Semana do Meio Ambiente. Os ingressos podem ser retirados na plataforma Sympla.

trata de construir as cidades ou mudar o modo como as entendemos, levar em consideração as 20 mil gerações que nos precederam e para as quais a floresta foi o lar também pode se revelar crucial. Num período de mudanças tão drásticas, no qual a resistência e a capacidade de adaptação se tornam valores indispensáveis, imaginar nossas cidades como vastos organismos que vivem em comunidade com os demais seres vivos, imaginar nossas fitópolis construídas como se fossem plantas, poderia trazer enormes benefícios para nossa espécie e para o planeta. ■